

Apresentação de Conceição Lima **Cadeira nº 32**

Ocorre aqui e agora um momento de elevado orgulho e honra por mais uma vez ser eu padrinho de uma acadêmica. Esta é a segunda vez que me acontece. Há poucos anos fui padrinho da confreira Marlene Cervigieri, o que me fez muito feliz. Em tão poucos anos de academia ser duas vezes convidado para padrinho é um fato inusitado, talvez inigualado neste sodalício.

Neste momento acompanho a chegada de novo membro da Academia Ribeirãopretana de Letras cujo nome civil é **Maria Conceição Alves de Lima**, mas o nome público, literário, autoral, digamos artístico, é apenas o reduzido Conceição Lima, pelo qual é conhecida e reconhecida.

Declaro que me identifico muito com ela, porque ambos somos mineiros, percorremos muitos caminhos até chegar aqui a esta cidade acolhedora, forasteiros que somos. Viemos de cidades típicas de Minas Gerais, pequenas, isoladas no alto de serras. A minha se chama Serra do Salitre e a dela é Alpinópolis, nome que lembra aos Alpes, mas que cuja povoação inicial se chamou Ventania, nome ao qual ela tem muito gosto de se referir. Para eu não ficar humilhado, minha cidadezinha também ventava muito, então vou contar uma anedota acontecida lá.

Como nossa homenageada é lingüista, estudiosa da língua portuguesa, vai apreciar o caso. A palavra puer, pueri, vem do latim e significa criança. Dela deriva puericultura. Na estação seca, lá ventava demais, as ruas não eram calçadas, o ar ficava tomado de poeira. Então a mocinha que gostava de falar bem avisou para a mãe:

-Mãe, hoje eu não vou abrir as janelas. A cidade está muito pueril.

Hoje a maioria dos aqui presentes vem de locais desenvolvidos, não são capazes de imaginar o que é ter nascido numa cidadezinha que só tinha curso primário. Se para homem, como eu, já era difícil ir estudar fora, imaginem uma menina. Ela foi para a cidade de Passos, onde já havia colégio de freiras, e fez lá as três primeiras séries do antigo curso ginásial, como aluna interna. Aí fundaram um ginásio em sua cidade, voltou, fez a quarta série. Em seguida teve que ir novamente para Passos, para fazer o curso de normalista e concomitantemente, o curso de Técnica de Contabilidade, lecionado à noite.

Depois de formada, voltou para Alpinópolis, fez concurso e iniciou sua carreira de professora. Daí por diante não parou mais de estudar e de lecionar. Contratada para dar aulas no acampamento de empresa que construía a usina de Furnas, acabou por se tornar funcionária da empresa, por concurso, no setor administrativo.

Já casada, muito novinha e mãe precocemente, ainda assim fez curso de pedagogia plena e depois outro de letras, em Passos, unidade isolada da Universidade de Minas Gerais, num esforço inaudito, trabalhando de dia, viajando de noite e estudando. Com três filhos para sustentar e educar, por haver se separado, manteve sozinha a família, trabalhando na empresa e lecionando à noite. Mal tinha tempo para ver os filhos. Ainda assim conseguiu sustentá-los fora em boas escolas, a custo muito alto, tendo o orgulho e alegria de ter uma filha formada em biologia, a mais velha, Carla, que mora aqui em Ribeirão Preto e por coincidência reside no mesmo condomínio que eu. A segunda filha, Polyana, formou-se em psicologia e exerce psicologia clínica em Nova Andradina, Mato Grosso do Sul. O caçula, Patrick, é engenheiro eletro-eletrônico e mora em Franca.

Depois de muitas formaturas e titulações, a Professora Doutora e Pós Doutora aqui presente, tem um complexo muito prosaico, quer aprender a cozinhar como fazia sua mãe, porque durante décadas nunca teve tempo para cuidar de afazeres domésticos. Está se dedicando com entusiasmo a ser dona de casa.

Após trabalhar durante 22 anos em Furnas, somou tempo anterior de professora e antecipou sua aposentadoria. Aposentada, mudou-se para Batayporã, em Mato Grosso do Sul, acompanhando seu segundo esposo que lá quis construir um grande conjunto residencial. É uma pequena cidade fundada por um fugitivo do comunismo, vindo da Tchecoslováquia logo após o fim da segunda guerra. Com ele vieram várias famílias, formando uma pequena colônia. Na cidade se falava a língua tcheca e havia intercambio cultural com o país de origem, de modo que Conceição acabou por fazer curso e aprender a língua básica. O nome da localidade deriva do sobrenome do imigrante Jan Bata e yporã, do tupi guarani.

Após a divisão do estado de Mato Grosso, o estado de Mato Grosso do Sul ficou sem universidade, de modo que resolveu fundar sua própria. Decidiram fazer uma instituição policêntrica, multicampi, com unidades em vários locais. Com seus títulos universitários a professora ingressou no quadro docente, fez os necessários concursos e se tornou docente fundadora, voltando a trabalhar intensamente.

Tem títulos universitários vários: mestrado em Educação em São Carlos, Doutorado em Letras pela UNESP, pós-doutorado em Lingüística pela Unicamp, licenciatura em Letras pela UEMG, licenciatura em Pedagogia Plena pela UEMG, especialista em Planejamento e Didática do Ensino Superior pela UEMG, Especialista em Gestão da Educação à Distância pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Sua grande habilidade é dominar a moderna internet e encontrar nela uma nova tendência para o ensino e propagação da cultura. Fez e faz palestras sobre o tema, ensinando e ampliando a visão do ensino à distância, que esteve em moda na recente pandemia. Pretende mudar a pedagogia do ensino presencial e realçar a educação à distância.

Ela domina fluentemente os idiomas inglês e espanhol, tem bom domínio de francês e italiano, tem conhecimento básico de alemão e tcheco. Tudo isso pra não falar em português, onde é especialista, sendo muito solicitada para fazer revisões.

Escreve poesias, contos, romances, ensaios, crônicas, além de vasto repertório técnico científico registrado em obras. Sua relação de inserções, no Currículo Lattes, vai para a casa de centenas. Tem vários livros editados, participações em antologias, parcerias com autores técnicos, É de dar inveja na gente tanta cultura e erudição.

Livre e solta, foi morar em Londres, onde viveu por 6 meses, assim como na Espanha, onde esteve por 3 meses. Fez tour pela Escandinávia. Acabou pousando aqui em Ribeirão Preto, para ter um lugar onde se radicar. Está aqui desde 2014, perto de uma filha, próxima do filho de Franca, tentando se adaptar. Começou por participar da Feira do Livro, depois passou a freqüentar a Casa do Poeta e do Escritor de Ribeirão Preto, faz parte de uma confraria, a Academia Filosófica Cristã, agora já participa também do Grupo de Médicos Escritores e Amigos do Dr. Carlos Roberto Caliento, dirigido por nosso confrade Nelson Jacintho. Também faz parte do coral da USP e finalmente fez teste para ingressar no Coral Minaz. E está aprendendo piano

e se dedicando à composição, tendo já criado canções e um hino de uma instituição de Alpinópolis.

Muito sociável, foi presidente da Apae, organizou grupos de solidariedade em Furnas, teve participações filantrópicas em Mato Grosso do Sul.

Ela é bastante bairrista, gosta de seus lugares e antigos amigos, mas agora está firmando um novo vínculo. Já está participando de tudo, fazendo publicações. Sua postagem no Facebook informando sobre sua eleição para a ARL recebeu centenas e centenas de comentários e curtidas, deixou muitos alunos, amigos e admiradores por onde passou.

Como qualquer emigrado demorou um pouco para incluir-se na generosa vida cultural de Ribeirão Preto, mas dotada de instinto de adaptação frequentou os movimentos literários e termina por receber este merecido galardão, ser membro da Academia Ribeirãopretana de Letras. Esta cidade é cosmopolita e recebe os imigrantes com muito carinho, desde os tempos coloniais. Os mineiros vieram para cá para plantar cafezais e ferrovias e isto levou a cidade a ser centro de região metropolitana, como agora o é.

Um aviso importante: ela não pode comer glúten, tem intolerância. Não a convidem para lanche com pão, almoço com macarrão, pizza, mas é especialista em pão-de-queijo, como boa mineira. Por isso também não toma cerveja, mas toma vinho. Agora uma fofoca, para ficar só entre nós: é chegadinha a uma caipirinha... socialmente, é claro.

Sua tese lingüística é de que língua se faz por quem a fala. Então vou saudá-la à moda ventaniense, como diria alguém de lá, dos mais antigos, do nosso tempo, modesto e singelo: - Sinhá Dona Fessora Conceição Lima, agora vossa senhorita é membra da cadernia de letras, esse pessoal que escrevinha versos e proseios no caderno, magote de gente de cabeça cheia, que sabe o que fazer com eles.

Esta academia é uma confraria, de modo que nos chamamos de confrades e confreiras. Muito bem vinda, confreira Conceição Lima.

GEOVAH PAULO DA CRUZ

ARL- Cadeira 12 - Patrono: Machado de Assis